

Resenha bibliográfica*

Book review

ARANA, M. *Políticos, funcionarios y académicos: la formación universitaria de los economistas en Buenos Aires (1821-1966)*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2024.

Formação de economistas políticos, puros e nacionais na Argentina

Training of Political, Pure, and National Economists in Argentina

Fágner João Maia Medeiros**

Em seu mais recente livro, intitulado *Políticos, funcionarios y académicos: la formación universitaria de los economistas en Buenos Aires (1821-1966)*, Mariano Arana descreve de maneira minuciosa como se formaram diferentes gerações de economistas na Argentina. Na mesma linha dos estudos sobre o “ensino de Economia no Brasil” (Bruzzi Curi, 2019; Cosentino, 2019, 2023), Arana produziu um panorama completo do caso argentino por meio de um impressionante uso de fontes primárias que inclui visitas a arquivos das universidades da província de Buenos Aires e numerosas entrevistas a economistas argentinos (*História Oral*). Além disso, o livro alcança uma harmoniosa cooperação entre áreas de pesquisa que mantêm pouco diálogo entre si: história do pensamento econômico, sociologia dos intelectuais, história do ensino e história institucional.

Na mesma direção, o livro tem uma visão inovadora que coloca a universidade no centro da discussão para responder a certas questões sobre a particularidade da formação dos economistas argentinos, a saber: que autores estrangeiros eram lidos? Que temas eram debatidos? Como

* Submissão: 24/09/2024 | Aprovação: 13/11/2024 | DOI: 10.29182/hehe.v28i1.1009

** Doutorando em Economia pelo CEDEPLAR/UFMG, Brasil | ORCID: 0000-0003-0366-8535 | Email: fagnerjmaia@cedeplar.ufmg.br



se organizavam? Quais eram seus vínculos com a esfera pública? Desse modo, a universidade é vista, para usar a terminologia de Bourdieu (1983), como uma extensão do campo intelectual, onde agentes (decanos, professores e estudantes) e instituições (faculdades, centros estudantis e revistas) estão em uma constante disputa por poder e agem conforme seus interesses para definir os perfis dos currículos (*plan de estudios*). Igualmente, sua relevância está na longa periodização selecionada para esse livro (1821-1966). A rigor, são 145 anos separados por dois marcos temporais: primeiro, a mudança jurisdicional com a criação da *Facultad de Ciencias Económicas* (FCE) da *Universidad de Buenos Aires* (UBA) em 1913, que significou a realocação da disciplina da perspectiva do direito para a contabilidade; e segundo, a autonomia da disciplina com a criação do curso de Economia Política em 1958 (cuja primeira tentativa havia sido dez anos antes).

Dito isso, o livro contém cinco capítulos que seguem uma ordem cronológica, desde as primeiras cátedras de Economia Política até a profissionalização do campo no pós-guerra. As primeiras páginas destacam o que se ensinava sobre economia política no *Departamento de Jurisprudencia* (mais tarde *Facultad de Derecho y Ciencias Sociales* (FDyCS)) da UBA. Nesses anos, nota-se que o ensino dos “políticos economistas” estava principalmente fundamentado no ensino de economia política clássica e no historicismo alemão, ou seja, marcado pelo pluralismo econômico¹. De fato, essas eram as ideias que sustentavam os debates parlamentares da época, entre protecionismo e livre-comércio. Da mesma forma, Arana ressaltou que os planos de estudo mudavam ao sabor da conjuntura econômica. A título de exemplo, pode-se mencionar a crise de 1890, que conduziu a UBA a criar a cátedra de Finanças Públicas; e a Grande Depressão de 1930, que fez com que numerosos graduados da FCE-UBA ingresassem em cargos públicos estratégicos para coordenar as recém-criadas juntas reguladoras e outros órgãos de intervenção. Finalmente, o mesmo pode ser dito sobre a fundação da pioneira FCE da UBA em 1913, que foi demandada durante o auge do modelo agroexportador. Desse modo, fundar a primeira FCE da América Latina permitiu que as universidades

¹ As ciências econômicas antes do pós-guerra viviam um período em que as hierarquias teóricas ainda não estavam claramente definidas, permitindo assim um “pluralismo genuíno” (Morgan; Rutherford, 1998).

argentinas se tornassem, precocemente, um espaço que pautava os temas da agenda econômica do governo. Em contrapartida, isso não era replicável, por exemplo, em países como o Brasil, onde as ideias econômicas ainda eram geridas diretamente dentro do Estado (Bielschowsky, 2004; Cosentino; Silva; Gambi, 2019).

Portanto, à medida que a vida econômica se tornava mais complexa, o conhecimento econômico (dos “economistas puros”) era cada vez mais requisitado pelo Estado. No entanto, a “década peronista” interrompeu esse processo, mudando radicalmente a relação entre a universidade e o Estado. Desde então, um novo perfil passou a ser requisitado: os “economistas nacionais”. A partir do golpe de 1943, delegados interventores buscaram “argentinizar” as universidades e sepultar de vez resíduos da ideologia liberal. Uma nova institucionalidade foi construída em torno do projeto peronista, a saber: a criação de uma revista alinhada ao poder político nacional, chamada *Revista de la Facultad de Ciencias Económica* (RFCE) e a criação de uma agrupação peronista intitulada *Asociación de Estudiantes de Ciencias Económicas* (AECE). Arana também destacou que a repressão estudantil coexistiu com o crescimento das matrículas universitárias. Além disso, os “*muchachos economistas*” do primeiro peronismo (Rougier; Odisio, 2023) deveriam agora participar ativamente das aulas, revisando os planos quinquenais do governo centrados no desenvolvimento industrial, no investimento em obras públicas e no incentivo ao mercado interno.

Na verdade, esses diferentes perfis de economistas compartilharam a esfera do Estado. Aliás, o leitor os encontra nesse livro personificados em figuras renomadas do Pensamento Econômico Argentino. Para começar, o engenheiro Alejandro Bunge, além de fundar e editar uma revista de circulação (*Revista de Economía Argentina*), foi professor de Estatística na UBA, conselheiro da reforma universitária e liderou um grupo de técnicos estatais (Grupo Bunge). Da mesma forma, é possível acompanhar o itinerário de Raúl Prebisch como estudante e professor da FCE-UBA, editor da *Revista de Ciencias Económicas* (RCE) e professor assistente na *Universidad Nacional de La Plata* (UNLP)². Além disso, Arana revelou que o tucumano desempenhou um papel fundamental no primeiro projeto de licenciatura em Economia em 1948. Reconhecido por sua lide-

² Para descrição completa, ver Medeiros e Bruzzi Curi (2023).

rança durante a década infame (1930-1943) ao lado de Federico Pinedo (Grupo Prebisch-Pinedo). Prebisch se preocupava com a formação teórica deficiente de sua equipe; no *Banco Central de la República Argentina* (BCRA), oferecia aulas regulares sobre temas de economia monetária e bancária. Mesmo quando era secretário executivo da *Comisión Económica para América Latina y el Caribe* (CEPAL), retornou a Buenos Aires para ministrar conferências no curso de Técnica de Programação oferecido pela instituição. Nessa lista, soma-se a tese de doutorado de Aldo Ferrer, apresentada na FCE-UBA em 1954, que utilizou contribuições da nova teoria do desenvolvimento de autores como Prebisch, Rosetin-Rodan, Ragnar Nurkse, entre outros. Por fim, Rosa Cusminsky, Julio H. G. Oliveira e Guido di Tella aparecem como líderes intelectuais de uma nova geração de estudantes entre a “velha guarda” e a “modernização”.

Os dois últimos capítulos do livro são dedicados às mudanças nos planos de estudos, impulsionadas por um duplo fenômeno de “latinoamericanização” (ou “cepalinização”) e “anglo-saxonização” dos cursos de economia. Na verdade, esse processo de profissionalização da disciplina na Argentina não foi diferente do que ocorreu no restante da região; ou seja, foi impulsionado pela crescente preocupação dos Estados Unidos em intervir na formação das elites locais e afastar a região do caminho revolucionário. Os volumosos recursos enviados às universidades argentinas – principalmente por meio da Fundação Ford (FF) – permitiram uma ampla circulação de economistas no eixo sul-norte e norte-sul. Houve uma crescente oferta de bolsas de estudos para que estudantes e professores argentinos pudessem completar sua formação nos Estados Unidos. Enquanto isso, o inverso também ocorreu com a chegada frequente de professores americanos para ocupar cargos em universidades argentinas.

No entanto, a FF enfrentou o desafio de se inserir em uma região dominada ideologicamente pela CEPAL, que, por um lado, já disseminava seus cursos há alguns anos e prestava consultorias a governos nacionais e locais. Por outro lado, havia formulado uma contribuição teórica centrada no debate sobre o atraso econômico da região que ganhou o selo de Pensamento Econômico Latino-americano (Devés-Valdés, 2003). Arana identificou duas estratégias distintas utilizadas nessa disputa. Em primeiro lugar, a CEPAL buscava estabelecer convênios, principalmente com órgãos do Estado (*Consejo Nacional de Desarrollo* (CONADE), *Consejo Federal*

de Inversiones (CFI), entre outros espaços). Enquanto isso, a FF avançava no cenário acadêmico, mas não sem dificuldades; a rejeição da Escola de Chicago na UBA e sua busca por uma melhor acolhida no interior do país ilustram esse episódio³. Finalmente, esse processo de profissionalização nas universidades da província de Buenos Aires resultou, de um lado, no plano de estudo analítico-desenvolvimentista da UBA, influenciado pelo estruturalismo da CEPAL. Por outro lado, a UNLP e a *Universidad Católica Argentina* (UCA) aspiravam substituir a “velha guarda” por planos de estudos “modernos”. No centro desse processo estava a *Universidad Nacional del Sur* (UNS), que promoveu uma experiência *sui generis*, promovendo uma modernização progressiva.

Como se pode notar, a leitura do livro de Mariano Arana permite uma radiografia completa sobre a formação dos diferentes grupos de economistas argentinos. Não há dúvida de que seu trabalho se torna referência para pesquisadores que se dedicam à circulação de ideias econômicas ou à particularidade da profissionalização dos economistas na Argentina. Além disso, pode ser visto como convite para que pesquisadores brasileiros, que se aventuram pelo campo da história comparada, identifiquem semelhanças (e/ou diferenças) entre o caso brasileiro e argentino.

Referências

BIELSCHOWSKY, R. *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BIGLAISER, G. The Internationalization of Ideas in Argentina's Economics Profession. Em: MONTECINOS, V.; MARKOFF, J. (Org.). *Economists in the Americas*. United Kingdom: Edward Elgar Publishing, p. 63-99, 2009.

BOURDIEU, P. *Campo del poder y campo intelectual*. Buenos Aires: Folsos, 1983.

BRUZZI CURI, L. F. Francisco Simch (1877-1937): um economista

³ A continuação desse processo de profissionalização dos economistas na Argentina nas próximas décadas pode ser vista em (Biglaiser, 2009; Heredia, 2002).

prático germanófilo no sul do Brasil. *Nova Economia*, v. 29, n. 3, p. 907-937, 2019.

COSENTINO, D. do V. As origens do ensino de Economia no Brasil e o pensamento econômico brasileiro. Em: COSENTINO, D. do V.; GAMBI, T. F. R. (Org.). *História do pensamento econômico: pensamento econômico brasileiro*. São Paulo: Hucitec, p. 163-192, 2019.

COSENTINO, D. do V. Bernardino Augusto de Lima, o Ensino de Economia Política na Escola de Minas de Ouro Preto e a Economia Rural. XV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA & 16ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS. Anais do XV Congresso Brasileiro de História Econômica & 16ª Conferência Internacional de História de Empresas. Osasco: ABPHE, 2023.

COSENTINO, D. do V.; SILVA, R. P.; GAMBI, T. F. R. Existe um pensamento econômico no brasileiro? In: COSENTINO, D. DO V.; GAMBI, T. F. R. (Org.). *História do pensamento econômico: pensamento econômico brasileiro*. São Paulo: Hucitec, p. 59-94, 2019.

DEVÉS-VALDÉS, E. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: desde la CEPAL al neoliberalismo (1950-1990)*. 1ª ed., v. 2. Buenos Aires: Biblos, 2003.

HEREDIA, M. El proceso como bisagra. Emergencia y consolidación del liberalismo tecnocrático: FIEL, FM y CEMA. In: PUCCIARELLI, A. (Org.). *Empresarios, tecnócratas y militares: la trama corporativa de la última dictadura*. Buenos Aires: Siglo Veinteuno Editores, p. 313-382, 2002.

MEDEIROS, F. J. M.; BRUZZI CURI, L. F. El joven Raúl Prebisch y la traducción de Adolph Wagner en 1919: indicios de una crítica relativista. *Revista de la Cepal*, n. 140, p. 159-180, ago. 2023.

MORGAN, P. M. S.; RUTHERFORD, M. (Org.). *From Interwar Pluralism to Postwar Neoclassicism*: 30. Durham: Duke University Press, 1998.

ROUGIER, M. ODISIO, J. Los “muchachos economistas”. Ideas y trayectorias de los principales referentes de la economía en el primer peronismo. *Márgenes. Revista de economía política*. v. 9, n. 9, p. 59-74, 2023.